



## @ “DOMINAD@” E @ “DOMINAD@R”: DISCUTINDO PAPÉIS IDENTITÁRIOS NO SERIADO QUEER AS FOLK.

Ramon Pereira dos Reis <sup>1</sup>  
Cristina Donza Cancela <sup>2</sup>

*Queer as Folk (Os Assumidos)*<sup>3</sup>

*Queer as Folk* é o título de dois seriados, ambos enquadrados no gênero drama, que obtiveram bastante sucesso e foram criados por Russell T. Davies. O seriado original foi produzido em 1999, pela *Red Production Company* para a veiculação em canal aberto (Canal 4 – Reino Unido). Expunha o dia-a-dia de três homens gays vivendo em Manchester.

Posteriormente, o seriado foi adaptado por Rowen Cowen e Daniel Lipman<sup>4</sup>, em uma co-produção: Estados Unidos e Canadá, e começou a ser transmitido em 2000, nos seguintes canais de televisão a cabo: Showtime (EUA) e Showcase (Canadá). Contava a história de cinco homens gays e um casal de lésbicas que viviam em Pittsburgh, Pensilvânia.

O seriado *Queer as Folk* (QAF)<sup>5</sup> tem como ambientação a cidade de Pittsburgh, Pensilvânia, e enquanto cenário principal da trama, a boate *Babylon*, voltada ao público GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) sendo caracterizada num lugar que toca música eletrônica, possui dançarinos no estilo go go boys, dark room, bebidas e drogas. Habitando juntamente nesse espaço, está presente o grupo de amigos: Brian, Michael, Justin, Emmett e Ted, Além da boate, tal grupo costuma frequentar o bar *Woody's*, onde eles se reúnem para beber, fumar, flertar, conversar, etc. Outro espaço de convivência é o restaurante-lanchonete *Liberty Diner*, local onde trabalha a mãe do personagem Michael (Debbie) e o garoto Justin, há também uma academia, onde Brian, Michael,

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) – Área de concentração em Antropologia - da Universidade Federal do Pará e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: rpreis18@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora e Doutora em Antropologia vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), ambos da Universidade Federal do Pará. E-mail: donza@ufpa.br

<sup>3</sup> O seriado ganhou uma tradução para o Brasil com o título de: *Os Assumidos* (ZANFORLIN, 2005, p. 60).

<sup>4</sup> A proposta dos produtores é falar de pessoas tão comuns quanto outras quaisquer, que poderiam “viver na porta ao lado” sem apelar para símbolos comuns à imagem do gay. Sem estigmas, de gestos, roupas, modos de falar, rompendo com a “virtualidade” da prática homossexual (ZANFOLIN, 2005, p. 60).

<sup>5</sup> A sigla foi utilizada tendo como referência o trabalho de Marina Fisher Nucci (UERJ); Ana Paula Lopes de Melo (UERJ) e Marcos Castro Carvalho (UERJ): **Conjugalidades homossexuais nos seriados televisivos *Queer as Folk* e *The L Word*: onde gênero e sexualidade se cruzam**, apresentado no Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder, em Florianópolis, de 25 a 28 de Agosto de 2008.



Ted e Emmett costumam frequentar. Tais espaços se configuram como elos de sociabilidade<sup>6</sup>, pois é lá que ocorrem as relações sexuais, os encontros, os acontecimentos divertidos, as tensões, os romances, etc. Além disso, esses lugares estão imbricados um ao outro, pois mantêm conexão entre si e estão localizados na mesma avenida, *Liberty Avenue* (Avenida Liberdade).

Além do grupo de amigos, ainda estão presentes na primeira temporada, o casal de lésbicas (Lindsay e Melanie), a amiga de Justin (Daphne), o tio de Michael (Vic), a mãe de Michael (Debbie), a mãe de Justin (Jennifer) e o namorado de Michael (David).

### A “narrativa da revelação”

Inicialmente, nós trazemos a baila um conceito interessante que é o da “narrativa da revelação”, que foi desenvolvido por Dennis Allen, em sua análise sobre como as relações homoeróticas, foram apresentadas no seriado norte-americano *Melrose Place*. O autor detectou, em seus estudos, que a “narrativa da revelação” é a única história que pode ser contada nos programas por ele estudados. Ou seja, a presença dos homossexuais nas histórias apenas envolvia a suspeita de suas orientações, que é revelada, somente, próximo ou no final das tramas. (COLLING *Apud* OLIVEIRA, 2002, p. 166).

Diferente do que foi colocado acima, o seriado QAF foge a regra da “narrativa da revelação”, pois não dialoga com discursos que colocam a homossexualidade em campos periféricos de debate, mostrando o universo de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) sem encobrimentos das questões que dizem respeito ao amor, aos formatos de família, aos relacionamentos, etc., e, nem tampouco encobre o fato das personagens serem gays ou lésbicas<sup>7</sup>.

### Aspectos midiáticos e identitários

Percebe-se, a partir do que foi exposto acima, que este seriado, assim como outras produções televisivas, está direcionado a um público consumidor específico, e tem no seu roteiro e

---

<sup>6</sup> (...) a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses, objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeitos sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma “sociedade” (SIMMEL, 2006, p. 59-60).

<sup>7</sup> O que diferencia *Os Assumidos* de outros seriados que possuem entre suas personagens homossexuais é uma nova disposição em relação à forma de representá-los. Primeiro, o seriado foi pensado para o público gay, para levar para as telas de veículo massivo, a televisão, o estilo de vida e as relações vivenciadas no cotidiano, que envolvem família, trabalho, doenças, relacionamentos amorosos, etc. (ZANFORLIN, 2005, p. 60 e 61)



configuração das personagens uma prática discursiva que, ao mesmo tempo em que produzem mudanças sociais nas concepções de relacionamentos e de sexualidade, também reforçam padrões morais hegemonicamente aceitos (NUCCI; MELO; CARVALHO (Orgs.) *Apud* HAMBURGUER e ALMEIDA, 2004). Ao analisar a primeira temporada do seriado QAF, nós podemos perceber que há uma gama de questões que podem ser trazidas a baila: a questão do uso das drogas; da AIDS; da velhice; etc., mas a nossa intenção foi focar na questão, a princípio, de como o discurso midiático explora as relações identitárias entre gays e lésbicas, a partir de um determinado produto midiático, que é a televisão e, mais adiante perceber, a partir desses discursos, como são estabelecidas e/ou construídas tais relações.

Analisando a veiculação de seriados como QAF, em programas de TV, estimula-nos a pensar e refletir a cerca da identidade, enquanto termo que agrega valores culturais, sociais, econômicos, etc. Nesse sentido, a construção imagética nesse seriado, está embasada a partir de uma lógica idealizante, na qual dialoga com o telespectador a partir de modelos identitários identificadores, que servem para atrair, ou não, o público.

A importância deste seriado para o público em geral, está no fato de que, apesar de ser uma série voltada ao público LGBT, ela se vale para mostrar como é construído o espaço de convivência dessas identidades e também serve como modelo de identificação, daquilo que chamaríamos de “ser gay” e “ser lésbica”. As construções estereotipadas, tais como branco / classe média alta / heterossexual, são reformuladas e resignificadas a partir das relações homossexuais<sup>8</sup>, todavia reforça padrões de gênero que se assemelham aqueles esperados das relações heteronormativas. Vale ressaltar, que nós não devemos excluir a identidade se é pelo viés desta identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal (FOUCAULT, 1982, p. 4) Podemos pensar, a partir dessa lógica, que a construção da identidade pode ser reformulada e transformada, visto que as construções das relações existentes são estereotipadas, portanto passíveis de modificação, ou seja, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (HALL, 2006, p. 38).

---

<sup>8</sup> O trabalho de Ângela Cristina S. Marques, apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 de Setembro de 2002, com o tema: **Da Esfera Cultural à Esfera Política: a representação da homossexualidade nas telenovelas e a busca por reconhecimento**, é significativa para o entendimento relacional com o seriado, pois ela diz que, quando questões polêmicas, como a homossexualidade, é abordada, por gêneros midiáticos específicos, como a telenovela, elas ganham uma dimensão de visibilidade capaz de instaurar um debate público que convoca indivíduos e grupos a se posicionarem diante de tais questões. Reflexivamente, esses indivíduos e grupos formulam idéias e posturas capazes de pôr em movimento discursos que, ao se encontrarem com a fala dos “outros”, conferem uma nova dinâmica as relações de sociabilidade e estimulam a reconfiguração das identidades individuais e coletivas.



Os espaços de convivência entre homens e mulheres são distintos, por exemplo: gays sempre aparecem na boate, no bar, na sauna, na rua, flertando, transando, reunidos entre amigos, enquanto que, quando aparece o único casal de lésbicas, elas estão sempre em casa, quase não saem, não aparecem flertando, sempre estão discutindo a relação, o universo delas se restringe ao trabalho e a casa. Nesse sentido, o olhar que lançamos a esses indivíduos está ligado ao estabelecimento de pólos de convivência distintos, onde diríamos que os homossexuais masculinos se comportam no âmbito do espaço público e as homossexuais femininas no âmbito do espaço privado<sup>9</sup>.

A conjugalidade homossexual é bastante enfática neste seriado, sendo representada por um casal de lésbicas (Melanie e Lindsay) que possuem um filho (Gus), pelo casal de gays (Michael e David) e também por outro casal de gays (Brian e Justin). Entende-se aqui que a conjugalidade

(...) não é aquela que emerge de um fato jurídico. É, isto sim, o que expressa uma relação social que condensa um 'estilo de vida', fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo cotidiano, mais do que propriamente doméstico, considerando-se que a coabitação não é regra necessária (HEILBORN, 2004, pp. 11 e 12)

Atentando para o modo como tais relações se estabelecem, no caso das mulheres, a personagem Lindsay, que irá gestar o bebê (Gus) pára de trabalhar como Professora de Arte, para se dedicar exclusivamente à criança, enquanto que a sua parceira (Melanie), continua sua vida normal, trabalhando como Advogada e garantido o sustento da família. No caso dos homens, o casal que se forma a partir do 5º episódio (Michael e David), estabelece sua relação da seguinte forma: Michael é Supervisor em uma loja de departamentos (Big Q) e não garante as despesas da casa, por outro lado, David que é Fisioterapeuta, tem uma vida independente financeiramente ficando encarregado de bancar os custos mensais da casa. Por outro lado, o casal Brian e Justin, a princípio com uma relação bastante conturbada, é percebido de maneira que, Brian – Publicitário de sucesso -, independente financeiramente, arca com as despesas de Justin, que ainda estuda no colegial e é dependente de Brian.

De forma analítica, com relação ao casal de lésbicas, uma das mulheres carrega consigo características estereotipadas, conhecidas pelo senso comum com “femininas” – ser compreensível, doce e frágil -, num viés diferente, a outra mulher do casal desempenha um papel “masculinizado” – é forte, independente e trabalha fora, ou seja, garante todo o sustento da família. Nesse sentido, podemos dizer que o seriado reproduz certa lógica de gênero, onde a família torna-se o local da

<sup>9</sup> Nas sociedades ocidentais as mulheres têm sido tradicionalmente socializadas para valorizar intimidade e compromisso em seus relacionamentos, a botar as necessidades dos outros em primeiro lugar, a serem excepcionalmente afetivas e sensíveis, e a esconderem reações competitivas ou agressivas (NUNAN *Apud* ROTH, 1985). Os homens, por sua vez, são socializados para valorizar independência, competitividade e realização profissional (NUNAN *Apud* JABLONSKI, [1991] 1998).



“feminilidade”, e a rua, o trabalho, espaço para a “masculinidade”. (DAMATTA, 1997 [1936]; FRY & MACRAE, 1991)

Passando para os casais masculinos, as relações que se estabelecem, são sempre mostradas como relações descompromissadas e que, mesmo quando um casal se forma como é o caso dos personagens de David e Michael, os comportamentos são de um casal que quer ter uma vida livre: poder sair com os amigos, ser visto pelos outros, ser desejado por outras pessoas. Isso pode ser percebido em um dos diálogos entre David e Michael, no 18º episódio, quando o personagem Michael descobre que David foi à sauna:

David: “Eu fui à sauna”

Michael: “O que foi fazer lá?”

David: “Apenas dar uma volta. Ouça, não é algo que faço sempre, Michael... É a primeira vez desde que estamos juntos”

Michael: “Não quero falar disso”

David: “Não, você deve saber”

Michael: “O quê?... Que você transa por aí?”

David: “Eu não transei”

Michael: “E depois você vem pra casa transar comigo. Se me transmitiu algo...”

David: “Não, eu disse que não transei!... Eu apenas me masturbo”

Michael: “Apenas. Eu não entendo. Não sou suficiente pra você?”

David: “Sim, claro que é, Michael”

Michael: “Então, por que fez isso?”

David: “Eu não sei... Acho que foi pela excitação... Quero que os caras...me achem atraente. Não sei, às vezes...preciso sair sozinho”

Michael: “Você é um mentiroso”

David: “É a verdade. Michael”

Michael: “Dane-se você e a sua verdade”

Deste modo, a figura do homem é colocada enquanto ser que está propenso ao sexo, de forma natural e supostamente incansável. A trama envolve o telespectador, a partir da exacerbação da figura do homem, centrando-o no discurso e na imagem. É importante atentar para o caráter puramente volátil das relações homoconjugais entre homens: o relacionamento entre tais sujeitos se faz presente em apenas um curto período de tempo, não sendo necessário estabelecer um vínculo mais duradouro.

Vale ressaltar, que não podemos generalizar e dizer que todos os casais homossexuais masculinos e homossexuais femininos se comportam da mesma forma<sup>10</sup>, visto que não existe um único estereótipo da homossexualidade na mídia. Dessa forma, identidades corporais podem se conformar ou não às regras de gênero e sexuais, esta apontam para a tríade heterossexual<sup>11</sup>: sexo – gênero – sexualidade, ou seja, o indivíduo nasce com um sexo determinado, em seguida compõe sua

<sup>10</sup>Ver LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**, Belo Horizonte: Autêntica, 2004

<sup>11</sup> Ver *Idem*



identidade de gênero a partir de seu órgão genital e, mais adiante, engloba em seu arcabouço corpóreo a maneira como irá expor seus prazeres e desejos com o sexo oposto.

Para a maioria da população, em geral, condicionada ao pensamento heterossexista, as afirmações expostas acima são polêmicas e provocadoras, pois fogem à regra do que para as convenções sociais deve ser determinante: pênis – masculino – heterossexual – relacionamento afetivo-sexual com mulheres / vagina – feminino – heterossexual – relacionamento afetivo-sexual com homens.

A partir das produções acadêmicas voltadas para uma perspectiva de gênero, bem como mais recentemente, com a Teoria Queer<sup>12</sup>, podemos dizer que tais padrões homoconjugais: homem – ativo – trabalha fora de casa / mulher – passiva – dona de casa, podem ser colocados em cheque no seriado, visto que, nem todos os homens são ativos e trabalham no espaço público e, nem todas as mulheres possuem relação de passividade e são donas de casa.

É notável que, ao observar o seriado, há certo equilíbrio entre o número de casais masculinos e femininos: num total são dois casais masculinos (Michael e David, Brian e Justin). E ainda as relações rápidas de Emmett e Ted, e apenas um casal feminino (Lindsay e Melanie). Inclui-se aqui, a questão da falta ou diminuição de relações sexuais entre as mulheres que formam o casal feminino, apontando para uma concepção de gênero que não associa a mulher ao sexo.

As mulheres homossexuais levariam ao extremo aquilo que é preconizado para a conjugalidade igualitária, sendo que isso parece implicar menor eroticidade da relação (HEILBORN, 2004, p.189). Para as mulheres haveria uma relação associada ao amor romântico, diferente dos homens, que encaram as relações a partir de um amor sexual (ênfase na libido). Porém, em contrapartida ao pensamento masculino puramente sexual, o seriado mostra numa determinada cena, um casal de homossexuais masculinos que estão juntos há 50 anos.

O binarismo masculino / feminino se faz presente no entorno das relações polares entre “ativo” e “passivo”<sup>13</sup>, não se limitando apenas ao ato sexual, assim como na interação entre “papéis

---

<sup>12</sup> “Queer” pode funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, mas em qualquer caso se define contra o “normal” ou normatizador. A teoria queer não é um quadro de referência singular, conceitual ou sistemático, mas sim uma coleção de compromissos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Se a teoria queer é uma escola de pensamento, então ela é uma escola com uma visão bastante heterodoxa de disciplina. O termo descreve um leque diverso de práticas e prioridades críticas; leituras da representação do desejo pelo mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análise das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos de identificação trans-sexual e transgênero, de sadomasoquismo e de desejos transgressivos. (SPARGO, 2006, p. 8-9)

<sup>13</sup> A superioridade social do “ativo” sobre o “passivo” é nitidamente expressa nas palavras de gíria que usamos para falar das relações sexuais como “comer” e “dar”, “ficar” por “cima” e “abrir as pernas”. Quem “come”, vence, como um jogador de xadrez que tira as peças de seu adversário do tabuleiro, “comendo-as”. Quem “come” está “por cima” e



sexuais”, onde o “falo” representa a discussão central nas relações. Podemos exemplificar essa lógica a partir deste esquema: penetrador = dominante / penetrado = dominado. O fato é, portanto, que, “atividade” significa poder em relação à “passividade”, que faz com que as relações de poder da vida cotidiana possam ser algumas vezes invertidas temporariamente no ato sexual de coito anal (FRY & MACRAE, 1991, p.51).

Esta imagem, que se torna recorrente na série, é transposta às personagens tidas como “passivas” que são representadas enquanto dependentes financeiramente, e estão localizadas num ambiente privado, como por exemplo: Brian e Justin: Brian é publicitário, desempenha o papel de ativo na relação e é independente financeiramente / Justin é estudante do colegial, desempenha o papel de passivo na relação e é dependente dos pais; David e Michael: David é fisioterapeuta, desempenha o papel de ativo na relação e é independente financeiramente / Michael é supervisor em uma loja de departamentos (Big Q), desempenha o papel de passivo e é “dependente” financeiramente de David; Melanie e Lindsay: Melanie é advogada, desempenha o papel de ativo na relação, é aquela que trabalha fora para garantir o sustento da família / Lindsay é professora de arte, desempenha o papel de passivo e é dependente de Melanie.

### *Concluindo...*

Considera-se, que as relações identitárias lineares, tais como: lésbicas / família / estabilidade conjugal / maternidade / afetividade e, gays / corpos / sexo / relações voláteis / espaço público, se constituem enquanto estereótipos que reafirmam e rearticulam a lógica heterossexual. Nós tomamos como base, o que Erving Goffman diz acerca do conceito de estigma:

(...) o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. Os atributos duradouros de um indivíduo em particular podem convertê-lo em alguém que é escalado para representar um determinado tipo de papel; ele pode ter de desempenhar o papel de estigmatizado em quase todas as situações sociais, tornando natural a referência a ele, como eu o fiz, como uma pessoa estigmatizada cuja situação de vida o coloca em oposição aos normais. Entretanto, os seus atributos estigmatizadores específicos não determinam a natureza dos dois papéis, o normal e o estigmatizado, mas simplesmente a frequência com que ele desempenha cada um deles. E já que aquilo que está envolvido são os papéis em interação e não os indivíduos concretos, não deveria causar surpresa o fato de que, em muitos casos, aquele que é estigmatizado num determinado aspecto exhibe todos os preconceitos normais contra os que são estigmatizados em outro aspecto (GOFFMAN, 2008, p. 148-149).

---

quem está por cima é quem controla. Quem “dá” ou quem “abre as pernas” é quem se rende totalmente (FRY & MACRAE, 1991, p.48).



Fry e MacRae (1991), em um dos estudos clássicos sobre homossexualidade, destacaram que no Brasil os papéis sexuais são rigidamente separados:

Desde a mais tenra infância, meninos e meninas são educados para se portarem como homens e mulheres mais tarde. Os homens deveriam ser fortes, trabalhadores capazes de sustentar sua família, interessados em futebol e outras atividades definidas como masculinas e, sobretudo, não deveriam chorar... As mulheres, por outro lado, aprendem as tarefas de casa e lhes é imbuído o que se chama de instinto materno. Ao contrário dos homens, não podem ter relações sexuais antes de casar, chegando ao casamento, ainda, virgens. Além disso, ainda neste Brasil popular, uma vez casadas, não deveriam demonstrar muito gosto pelo sexo (FRY & MACRAE, 1991, p. 41-42)

Dentro da perspectiva dos autores destacados acima, temos uma noção de que as percepções identificadoras dos gêneros masculinos e femininos, tais como: mulher – carinhosa – ambiente da casa e homem – sexo – ambiente da rua, são concepções embasadas pela cultura, pelos significados apreendidos de educação, comportamento, etc.

Diante de tais colocações, o seriado em questão se articula a partir de uma lógica predominante que é a heterossexista, apesar de conseguirmos visualizar que este é um produto midiático voltado a um público específico, o determinante heterocentrista ainda é muito forte, por exemplo: colocação das personagens lésbicas em segundo plano, o ativo ser superior ao passivo, enfatizar os relacionamentos homossexuais masculinos ao invés de colocá-los em pontos de igualdade com os femininos.

### *Referências*

- COLLING, Leandro. “**Homoerotismo nas telenovelas da rede globo e a cultura**”. In: III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, BA, 23 a 25 de maio de 2007;
- FOUCAULT, Michel. **An Interview: Sex, Power and the Politics of Identity**; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58.
- FRY, Peter & MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 7ª Ed., São Paulo: Brasiliense, 1991;
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª Ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2008, p. 137-158;
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 Ed., Rio de Janeiro: DP & A, 2006;
- HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004;
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004;



MARQUES, Ângela Cristina S. **“Da esfera Cultural à Esfera Política: a representação da homossexualidade nas telenovelas e a busca por reconhecimento”**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, BA, 1 a 5 de setembro de 2002;

MATTA, Roberto da. **A casa & a rua**. 5ª Ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997;

NUCCI, Marina Fisher; MELO, Ana Paula Lopes de; CARVALHO, Marcos Castro. **“Conjugalidades homossexuais nos seriados televisivos Queer as Folk e The L. World: onde gênero e sexualidade se cruzam”**. In: Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008;

NUNAN, Adriana. **“Influência do preconceito internalizado na conjugabilidade homossexual masculina**. In: GROSSI, Mirian Pillar; UZIEL, Ana Paula; MELLO, Luiz (Orgs.) Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays, travestis, Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 47-64;

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 59-82;

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**, Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006, 67 p.

ZANFORLIN, Sofia. **Rupturas possíveis: representação e cotidiano na Série Os Assumidos (Queer as Folk)**. São Paulo: Annablume, 2005.